

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 11

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA.

O Moaumento de Mafra (excerptos) pelo sr. GOMES.....	Pag. 161
Descripção da antiga e monumental cidade de Roma, pelo sr. P. DA SILVA.....	» 163
Congresso dos Architectos francezes, em Paris, em 1889 — Relatorio de Mr. PAUL SÉDILLE.....	» 165

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:

Explicação da estampa n.º 93, pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA.....	» 167
Resumo elementar de Archeologia Christã (continuação) pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA.....	» 168
Noticiario.....	» 178

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

O MONUMENTO DE MAFRA

Excerptos

Não ha um padrão, por mais insignificante que seja, que não tenha uma rasão de ser; á sua fundação presidio um pensamento qualquer — significa alguma cousa.

A creação do monumento de Mafra, que foi um dos grandes acontecimentos no reinado de D. João V, teve por origem o desejo de successão. Eram decorridos tres annos depois do casamento do rei com D. Maria Anna d'Austria, e não havia fructo d'esse matrimonio.

«El-rei terá filhos se quizer — diz fr. Antonio de S. José¹ — prometta el-rei a Deus fazer um convento na villa de Mafra, e logo Deus lhe dará successão.»

Passou-se isto no principio do anno de 1711.

Não só o rei mas todos os cortezaões ficam sobresaltados. Fr. Antonio pediria a Deus que se effectuasse a vontade do soberano e, certamente, o desejo do povo; em recompensa, seria feita uma casa para frades da ordem de S. Francisco — realisa-se o facto — em dezembro do mesmo anno nasceu D. Maria Barbara. El-rei vae cumprir a promessa.

Uma edificação qualquer satisfatoria ao voto; mas o genio do rei, o espirito da epocha, e a opinião dos aulicos demandavam grandiosidade; todas estas circumstancias concorreram para que se emprehendesse e executasse uma obra memoravel. Haveria, talvez, opiniões em contrario; essas, porém, representavam a minoria.

Fiat — e tanto basta para que se não suscite a menor duvida. Ludovice, o grande architecto, amolda-se ao pensamento do rei, ao espirito do povo, aos costumes da epocha, e apresenta o plano da obra, que se não é engraçada, como se pretexta, é, todavia nobre, imponente, perfeita no seu conjuncto e na disposição e harmonia de todas as peças componentes. — E' admiravel.

Mas o campo onde devia assentar o famoso padrão era propriedade particular; necessario foi desalojar os donos dos diversos terrenos, para se obter a area precisa; a isso se procedeu desde logo — diz frei Claudio da Conceição:² «Determinando o Senhor Rei D. João a cumprir o voto, que tinha feito, ordenou a Antonio Rebello da Fonseca, seu escrivão das cosinhas e creado muito antigo, de quem fazia toda a confidencia, fosse examinar o terreno, e fizesse eleição do sitio que julgasse mais

¹ Fr. Antonio de S. José, conhecido por fr. Antonio da India, em consequencia de uma uma viagem que ali fez, era natural de Chelleiros, no concelho de Mafra.

² Gab. Hist. Tom. VIII, Cap. VII.

proporcionado para se fundar o convento. Pontualmente fez a diligencia, mas não se dando o gosto de El-Rei por satisfeito com as informações que lhe participou, achando-se nos seus Paços de Cintra, quiz pessoalmente fazer a mesma diligencia, e acompanhado de alguns creados foi uma tarde a Mafra examinar curiosamente o terreno; e julgando mais conveniente e proporcionado, para o edificio que intentára, um sitio chamado da Vêla em um lugar imminente á villa, em pouca distancia para a parte do nascente, e ter uma fonte de abundante e excellente agua; e fazer uma admiravel perspectiva no dilatado mar que se descobre, fez d'elle eleição, e em todo o sentido acertada.

«Depois de se assentar ser este o sitio mais proprio para a dita fundação, se procedeu ás avaliações das terras, que n'aquelles sitios tinham varios donos, o que se fez a 21 de janeiro de 1713, na presença do escrivão de Mafra, Francisco Correa Soares, estando presente o juiz da terra, Manoel da Silva, e os louvados o capitão José Batalha Leitão, e José Rodrigues da Silva; os quaes deram juramento dos Santos Evangelhos para avaliarem com toda a distincção o que a cada uma das partes se tomava, desencarregando em tudo a sua consciencia; isto a requerimento do Sindico dos religiosos, o Beneficiado José Soares de Faria, morador na villa de Mafra, dizendo: que Sua Magestade, sendo servido fundar em o termo da villa de Mafra um convento aos religiosos Arrabidos, no sitio da Vêla mandava se procedesse ás avaliações, sendo primeiro notificados os seus donos ou caseiros, para se acharem presentes ás avaliações; e no mesmo dia, mez e anno *ut supra*, fôram avaliadas as terras na forma seguinte:

«A parte do chão que se tomou no casal do Duque de Cadaval, que constava em muita parte de matto e alguma terra fabricada a que assistio o caseiro do dito casal, em companhia dos louvados, foi avaliado em setenta e cinco mil réis. A parte do chão que se tomou no casal de Francisco Botelho Telles da Silva, que todo era chão fabricado, a que assistio o seu caseiro do dito casal em presença dos louvados, foi avaliado em oitenta e cinco mil réis. A parte do chão que se tomou no casal que possuia Sebastião de Carvalho, da dita villa, o qual foi notificado, e declarou ter no dito casal o Conde de Villa Nova duas partes; e as religiosas do convento da Rosa uma parte, e no quinhão que se somou estava em matto, e foi avaliado em sete mil réis. Um cerrado que se tomou a Antonio Luiz Pereira Coutinho, morador no termo de Santarem, a que assistio Manoel Simões, seu caseiro, foi avaliado em vinte quatro mil réis. O cerrado que se tomou ao vigario da villa de Mafra, Francisco Gonçalves, todo cercado de parede em redondo, com

um bocado de chão por fóra do cerrado, mistico com elle, a cuja avaliação assistio o dito vigario, avaliado tudo em cento e quarenta mil réis. Um pedaço de chão de João Francisco, do logar da Vêla, que declarou aos ditos louvados ser seu, avaliado em quatorze mil réis. Um cerrado de João Roque, murado todo de paredes, do logar da Vêla, avaliado em treze mil e quinhentos réis. E no meio de todas as propriedades, que ficam nomeadas, declaradas e avaliadas, estava o chão que chamam a Feteira, que, por não se conhecer dono em especial, se não avaliou, cujo chão fica dentro na circumferencia do que se tomou para fundar o convento, e todo redondamente os ditos louvados demarcaram com marcos, que ficaram correspondendo uns aos outros, e divisando se o chão para fundar o dito convento com os confinantes com elle, cuja demarcação se fez a peditorio do sindico e religiosos que presentes estavam. Sommam todas estas avaliações trezentos cincoenta e oito mil e quinhentos.

«Porém, como pelo decurso do tempo resolveu El-Rei augmentar muito a fabrica do convento, e dilatar a sua cerca, se occupáram outras muitas terras que, no anno de 1734, mandou o dito Senhor se avaliassem e pagassem a seus donos, não só o justo valor, mas todo o detrimento que padeceram por causa de as não fabricarem alguns annos.

«Feita juridicamente a avaliação, importou o valor das terras, doze contos oito centos quarenta e dois mil réis; e os damnos causados um conto oito centos noventa e seis mil cento e cincoenta réis, que tudo faz o computo de quatorze contos sete centos trinta e oito mil cento e cincoenta réis, de que se fez assento na Vedoria Geral.»

Vê-se, portanto, que houve duas expropriações de terrenos — uma no principio da fabrica, outra mais tarde para se ampliar o traçado; d'onde se collige que o pensamento primitivo da edificação não abrangia o grande espaço que actualmente occupa.

Diz o chronista que o convento era destinado sómente para treze frades, em memoria dos treze dias consagrados a Santo Antonio a quem o templo era dedicado; que esse numero passou depois a oitenta, e finalmente a trezentos. A nosso vêr, o traçado alterou unicamente nas faces lateraes do edificio, cujas linhas — a partir dos torreões nos extremos da linha da frente — mediriam cada uma, 88 metros; e a area quadrada seria então de 20:000 metros, pouco mais ou menos. ¹ A parallela da frente, que uniria os dois lados, teria cada um dos seus respectivos angulos ornados com um corpo correspondente aos torreões da fachada, e que fariam o remate da edificação; ali seriam as entradas

¹ A area occupada actualmente é de 10:0 0m²

do convento, que ficava completo ; por quanto, no vasto corredor denominado das aulas que constituia o claustro, achavam-se estabelecidas todas as officinas e dependencias da casa — como eram cozinha, refeitório, enfermaria, botica, sala d'actos, casa do capitulo e as cellas necessarias para o designado numero de religiosos.

Pena é que não existam copias das plantas geral ou parciaes, que seriam os melhores documentos para esclarecer este ponto.

Dos contractos e pagamentos das ultimas expropriações ha as escripturas em um livro especial de notas no cartório do tabellião de Mafra, o sr. José Rodrigues Soares, as quaes extractaremos.

(Continúa).

O socio
GOMES.

DESCRIÇÃO DA ANTIGA E MONUMENTAL CIDADE DE ROMA

Começamos por apresentar a topographia de Roma, tal qual foi descripta por Strabon quando visitou esta cidade na sua época mais florescente, logo no principio do governo imperial :

« Os gregos teem a reputação de serem habéis na arte de edificar. Todos sabem quanto o seu paiz é abundante em monumentos ; porém os romanos applicaram-se nas obras de maior utilidade que haviam sido desprezadas pelos gregos, como no calçamento das ruas nas construcções dos aqueductos e nos encanamentos geraes. Os romanos traçaram soberbas estradas, abrindo, atravessando os valles e perfurando as montanhas, afim de facilitar a passagem dos carros que transportavam as mercadorias. Os canos foram construidos de abobadas com tão grandes dimensões que um carro carregado de feno podia percorrel-os, e tal era a abundancia das aguas provenientes dos aqueductos que se poderia suppor outras tantas ruas atravessando as cidades. Poucas seriam as casas que não tivessem agua e fontes abundantes. Marcus Agrippa teve o maior desvelo ácerca d'estes melhoramentos. A cidade deveu-lhe igualmente outros aformoseamentos que contribuíram para a fazer ainda mais bella. Não se pôde negar, que os antigos romanos eram tão cuidadosos nas obras de summa importancia, que pouco caso faziam do embelezamento dos accessorios. Os seus descendentes, e sobretudo aquelles que viveram nos ultimos tempos, não sómente não desprezaram as construcções de immediata utilidade, como ainda enriqueceram a sua cidade com grande numero de magnificos edificios, onde se notam os progressos do luxo e do bom gosto.

Julio Cesar, Pompêo, Augusto, seus filhos, sua mulher, sua irmã, seus amigos contribuíram com os fundos necessarios para esses trabalhos. O Campo

de Marte é d'isto uma prova. Além da amenidade do sitio, a arte enriquecera-o com productos os mais preciosos. A extraordinaria extensão d'este terreno offerecia um espaço vastissimo para a multidão que vinha ali exercitar-se nas corridas, nos jogos dos carros, dos cavallos, da péla, do circo e da lucta. Os edificios que o rodeavam, a relva sempre verde que cobria o chão, as collinas que o coroavam do lado opposto do Tibre, offereciam um espectáculo que o estrangeiro difficilmente poderia esquecer. Proximo d'este campo encontrava-se outro limitado por numerosos porticos, bosques sagrados, tres theatros, um amphitheatro, dois templos magnestosos, e todos estes edificios estavam de tal maneira juntos que parecia que uniram a cidade a outra.

Os romanos reputavam o Campo de Marte mais sagrada que todos os outros, e levantavam ahi tumulos aos cidadãos mais illustres. O mais celebre era aquelle que se chama Mausoléo ; está construido sobre uma base de marmore, proximo ao Tibre. Arvores constantemente verdes lhe davam sombra até ao cume ; coroava o a estatua de Cesar Augusto, fundida em bronze. Não ficavam distantes as sepulturas de Cesar, dos seus parentes e amigos. Pela parte de traz havia um grande bosque sagrado, com espaçosas estradas dispostas para se passar. Vê-se no centro d'este campo, um espaço fechado, dentro do qual, foi queimado o cadaver de Cesar. Este recinto era construido de marmore branco e rodeado de gradamento de ferro ; o interior restava plantado de cyprestes.

Quando qualquer viajante entrando no Forum antigo, considerava o aspecto dos monumentos, os porticos e os templos ; quando examinava o Capitolio, os edificios que ahi se tinham levantado, aquelles que ornavam o Palatino e o portico de Livio, esqueceria facilmente tudo que tivesse visto e admirado de melhor nas outros paizes».

Tal era Roma pouco tempo depois da morte de Augusto, quando Strabon a visitou. Mais tarde foi ainda ornada com maior riqueza, e por esta circumstancia veio a ser superior a todas as outras cidades do imperio, pela importancia dos seus monumentos.

D'esta descripção do escriptor antigo se conclue que a primitiva Roma occupava primeiramente o unico monte Palatino ; estendendo-se depois sobre o Capitolino ; d'ali sobre o Quirinal, o Cælius, o Aventino, o Esquilino e o Viminal ; portanto, Roma estava collocada em um sitio salubre, porém no centro de uma religião pestilencial, como diz Cicero na sua Republica.

A mais celebre collina era sem duvida o Capitolino — O Capitolio !

Este nome resume todas as glorias, todos os

triumphos do povo romano. Ali era o palacio da nação, a séde de um poder, era o conselho publico do Universo, servindo-me da expressão de Cicero: representemos pela imaginação, os senadores assentados nas suas cadeiras curues e discutindo sob a presidencia de dois consules, os interesses da Republica ou lembremo-nos de um d'esses dias gloriosos nos quaes se conduzia com grande pompa ao Capitolio os triumphadores, cobertos de ouro, de purpura, e com o rosto colorido. Que magestoso aspecto não devia produzir esse recinto rodeado dos mais magníficos monumentos da arte romana?!

Descreveremos pois este monte afamado pela sua importancia na historia dos povos, como pela belleza da architectura dos seus edificios.

O monte Capitolino tem a fórma de uma ellipse irregular: nas duas extremidades levantam-se dois cumes: o do norte tem o nome de Capitolio; o outro denomina-se o Arx, porque ali se construiu a cidadella de Roma.

O Capitolio era ao mesmo tempo uma fortaleza e um sanctuario como a Acropolis de Athenas fôra considerada pelos Gregos. Romulus foi o primeiro que n'ella levantou um templo a Jupiter *ferreiro*, sobrenome que lhe foi dado por Romulus por causa de um combate, como se tivesse aquelle deus ferido o inimigo e dado a victoria aos Romanos. Tarquinio o Antigo, Servius, Tullius e Tarquinio o Soberbo continuaram os trabalhos principiados por Romulus. Alguns annos depois da expulsão dos reis, o Consul Horacio Pulvillus teve a gloria de os completar com toda a solidez e com uma magnificencia, a que as edades seguintes não poderam fazer mais do que ajuntar muito mais ornamentos e mais riquezas, conforme refere Tacito. Este grandioso templo ficou destruido durante as guerras civis de Marius e de Sylla, e foi reconstruido algum tempo depois. D'ali a pouco tempo foi devorado pelas chammas n'essa rixa grave que appareceu entre os partidarios de Vitellius e de Vespasiano, no Forum, e até sobre os flancos do monte Capitolino. No templo de Jupiter Ferreiro estavam depositados os archivos publicos e as recordações as mais veridicas da historia romana.

Todavia sob o reinado de Vespasiano, e de Domiciano seu filho, o Capitolio saiu das suas ruinas revestido de um novo esplendor e ornado com uma magnificencia perfeitamente real. Os edificios foram construidos com o mesmo destino que haviam tido antes; mas tiveram então maior cuidado e attenção na sua symetria e magnificencia, dando-lhes o character grandioso que distinguia a arte ornamental d'esta época. A entrada que estava voltada para o norte conduzia debaixo de um arco triumphal, ao centro da collina, tambem para um bosque sagrado, chamado Asylo, consagrado por Ro-

mulus. Serviam esses asylos de refugio, nos tempos antigos, aos criminosos a ninguem era permittido tiral-os d'aquelle recinto. Este costume passou do paganismo ao christianismo, e esse nome hoje em dia designa estabelecimentos de caridade. Dois templos occupavam o cume oriental do monte capitolino. A direita o de Jupiter, á esquerda o de Jupiter Custos, o vigilante, dominavam estes outros templos dedicados ás divindades inferiores, como eram a Fortuna, a Fidelidade, etc.

No centro, via-se uma pyramide, formada por uma reunião de edificios magestosos, indicando a habitação do imperio, de Jupiter Capitolino.

O tecto d'este templo era sustentado por um grande numero de bellas columnas, o interior estava ornado com todo o primor das artes, e os despojos do mundo inteiro haviam contribuido para enriquecel-o. Ao centro d'este monumento as imagens de Juno e de Minerva estavam collocadas á esquerda e á direita de Jupiter, o qual assentado sobre um throno de ouro, brandia n'uma das mãos o raio vingador, tendo na outra o sceptro do Universo. Quanto estes logares são ferteis de interessantes recordações! Ali os Consules estavam acompanhados pelo Senado reunido para serem investidos das suas insignias militares e para implorarem a protecção dos deuses antes de marcharem para os combates. Acolá se dirigiam os generaes vencedores para offerecerem a Jupiter, como hecatombe sagrada, os monarchas agrilhoados e tributarios de Roma. N'este recinto venerado, nas occasiões de calamidade e de perigo, os Senadores se reuniam para deliberarem sob a presença das divindades tutelares da patria! Era abi que as leis se promulgavam como sendo uma emanação toda divina; conservando-as n'este templo como um sagrado deposito, confiado aos guardas dos proprios deuses.

Proximo do limiar d'estes edificios resplandecentes de ouro e de gloria, se erguia humilde e modesto um monumento muito querido dos Romanos, lembrando-lhes a simplicidade dos seus tempos primitivos; era este o primitivo palacio de Romulus, do qual Ovidio dizia: — « Se procuraes, diz Marte, qual era o Palacio de meu filho, reparaes n'esta casa construida de juncos e feno; era deitado sobre a palha que experimentava as doçuras do somno; e todavia d'este leito modesto elle tomou logar nos ceus ».

Deve-se suppor que o templo de Romulus desapareceu na conflagração geral que já assignalámos, não foi o unico monumento que teve fatal destruição. Palacios, templos, monumentos, tudo foi devorado pelas chammas, e não ficou mais que uma rocha immovel, vastas ruinas e formidaveis muralhas que unicamente indicavam a primitiva cidade de Roma. Todavia os colossaes vestigios d'essa

Roma que atordoou o mundo com a fama do seu nome e que merecem ainda a nossa admiração, são dignos de serem examinados com reflexão; muito embora seja o inventario d'esta arte monumental incompleto, não perderemos o tempo, pois o merecimento d'esses magestosos fragmentos que haviam ornado a capital do povo rei, nos servirão de norma para avaliarmos o character monumental da architectura Romana.

(*Continúa*)

POSSIDONIO DA SILVA.

CONGRESSO DOS ARCHITECTOS FRANCEZES EM PARIS EM 1889

N'este anno realisou-se a decima oitava sessão do congresso dos architectos francezes na escola das bellas artes em Paris; assim como teve lugar festejar-se o 50.º anniversario d'esta benemerita associação artistica, que pelos relevantes serviços prestados á arte e á corporação a que pertence é digna de mil louvores e da consideração das outras associações congeneres dos paizes civilisados, além de que tem contribuido com generosas recompensas, afim de desenvolver o aperfeiçoamento dos mestres e operarios das classes correlativas para as construcções civis, tendo por esta nobre protecção alcançado habilitar maior numero de constructores a desempenharem os seus mesteres com reconhecida pericia, o que não é sómente um grande serviço civilisador, como tambem torna mais conhecido o merecimento d'aquelles que se tem distinguido na pratica do seu officio.

É pois com agradavel satisfação que publicamos o optimo relatorio que o insigne collega mr. Paul Sédille, como presidente da commissão encarregada de classificar a distribuição dos premios que foram entregues pelo ministro da instrucção publica e de bellas artes tanto aos nossos confrades como aos mestres de obras e operarios, apresentou n'este congresso, relatando tambem o perseverante zelo com que, desde a fundação, a Sociedade Central dos architectos francezes se tem progressivamente engrandecido para maior renome da nossa corporação, assim como para gloria do seu illustrado paiz.

O relatorio é do teor seguinte:

RELATORIO DO JURY DE RECOMPENSAS A CONFERIR
Á ARCHITECTURA PRIVADA
Á JURISPRUDENCIA E Á ARCHITECTURA

Sr. ministro, senhoras e senhores:

A Sociedade Central dos architectos francezes celebra este anno o 50.º da sua fundação, que data

de 9 de junho de 1840. N'essa epoca, os architectos, ainda separados uns dos outros, eram pouco reputados do publico. Com excepção de alguns artistas insignes e recommendaveis por obras importantes ou pela sua posição official, os architectos que exerciam modestamente a sua profissão eram facilmente confundidos com os empreiteiros.

É preciso recordar, sem duvida, que nas épocas precedentes os architectos faziam muitas vezes ao mesmo tempo trabalhos de empreiteiros, assim como os redactores do codigo civil, estes mesmos os haviam então inconscientemente confundido com estes ultimos, aquillo que nós ainda hoje soffremos! Porém, pouco a pouco, os architectos se tinham libertado d'essa situação dubia, ambigua, incompativel com as obrigações do seu mandato e o respeito da sua profissão. Elles experimentaram a necessidade de se fortificar mutuamente n'esta nova via de independencia e de dignidade profissionais, onde pretendiam manter-se.

Foi sobre o estado d'estas louvaveis preocupações, que os nossos antecessores fundaram a Sociedade Central dos architectos. Não se intentava, como se pôde pensar algumas vezes, crear uma especie de academia mais ou menos facil accesso; por modo nenhum — tinham um intuito mais nobre: o de affirmar a liberdade e a dignidade de cada um pela liberdade e dignidade de todos, reunidos em uma simples corporação, velando, conforme os seus estatutos, pelos interesses geraes e dignidade da profissão. Podemos affirmar actualmente, depois de 50 annos de existencia, que a nossa Sociedade ficou fiel aos seus compromissos do começo. Com um liberalismo cada vez mais evidenciado e illustrado, sem reserva de escola, sem inquietação das pretensões artisticas, ella estende a mão, abre as suas portas a todos aquelles que, antes de tudo, exercem honradamente a nossa profissão.

É pois, com uma verdadeira satisfação e com um legitimo orgulho, que podemos lançar atraz a vista, e ver o caminho corrido pela nossa Sociedade. Depois do começo longo e difficil, nós a vimos robustecer cada vez mais, e fortes e altivos pelo concurso de todos, os quaes com justiça podem ser considerados os mais versados na pratica da sua arte, encetar certos trabalhos que são presentemente os mais estimados. Quero referir-me particularmente a esse *Manual das leis para edificação*, do qual a primeira edição data de 1863, e que depressa esgotada, foi renovada por uma segunda edição muito desenvolvida. Este *Manual* veio a ser o melhor guia para todos os nossos confrades de Paris e da provincia, nos dedalos das questões litigiosas que se prendem á construcção, e podemos mesmo dizer que constitue uma especie de jurisprudencia muito acatada, a qual somos ditosos entre

confrades, de esclarecer controversias as mais difficeis.

Depois vieram as cinco edições de uma serie de preços, que serve diariamente de base para as obras particulares.

A criação, em 1884, de uma caixa de protecção mutua dos architectos sob os auspícios da Sociedade Central, tem resolutamente affirmado a nossa solidariedade e a nossa vontade de não deixar sem auxilio os nossos confrades injustamente accusados e sem meio de se defenderem. Esta recente Sociedade, irmã da nossa, pretende tomar a si todas as causas justas, para as fazer valer em honra de todos e do respeito da nossa profissão; ella já tem vencido muitas causas, das quaes os julgamentos nos serão proficuos no futuro.

É ainda á Sociedade Central dos architectos que nós devemos a reunião d'estes congressos francezes ou internacionaes, que desde 1873 se reúnem aqui em cada anno. Elles nos facilitaram o estudar grande numero de questões, as quaes interessam a nossa arte e a nossa profissão, e de obter dos poderes publicos a realisação de muitos de nossos desejos.

Não me deixarei influir, senhores, por excesso de orgulhosa affeição pela nossa estimada Sociedade, a vos relatar tudo que ella tem feito para o nosso bem commum; não quero mencionar mais desenvolvidamente as numerosas e distinctas recompensas, medalhas de ouro, medalhas de honra, e primeiros premios pelos quaes se soube reconhecer em França e no estrangeiro, desde 1876 até 1889, todos os esforços e todos os resultados adquiridos. Mas eu quero-vos recordar aquillo que deu a maior gloria á nossa Sociedade, o sem numero de recompensas fundadas por si, recompensas que são presentemente o objecto do relatorio que tenho a honra de vos apresentar em nome do jury, em sessão solenne d'este congresso.

É de 1874 que datam as primeiras recompensas conferidas pela Sociedade Central. Quiz então manifestar a sua superior estima por trabalhos tão interessantes e todavia quasi sempre insufficientemente apreciados pela architectura particular. Se os monumentos attraem a attenção da multidão, as obras mais modestas do architecto chamam sómente a attenção de alguns conhecedores instruidos e de gosto, os quaes sabem avaliar e descobrir merecimentos especiaes e os julgam na conformidade das condições muitas vezes desfavoraveis e vencidas. Todavia, os monumentos são raros, poucos architectos pretendem executal-os; além de que estes, para o maior numero, devem procurar a sua satisfação, ou poderia talvez dizer a sua consolação artistica, nas obras menos pomposas da architectura particular. Não obstante os seus reconhecidos me-

ritos, deverão pois serem privados de qualquer animação, de qualquer signal de estima, de nenhuma recompensa, quando muito naturalmente o governo reserva as suas mercês para os architectos encarregados das construcções dos monumentos publicos ou exercendo importantes posições administrativas.

A Sociedade Central não pensa do mesmo modo. Reconhecendo os valiosos serviços prestados á arte e á profissão pelos architectos que dedicam mais particularmente os seus esforços ao melhoramento do conforto e do aprazível da habitação moderna e para vulgarisar os novos processos de construcção, com tudo executando trabalhos artisticos de merito e de gosto, quiz galardoar esses architectos tão merecedores, conferindo-lhes pela mão de um jury especial, a mais subida recompensa de que podesse dispôr.

Esta louvavel iniciativa devia ser de um exemplo fecundo. Por um attractivo generoso, muitos dos nossos confrades, pela continuação de estudos importantes e repetidos, a jurisprudencia e a archeologia, estas duas sciencias complementares e indispensaveis da nossa profissão, tiveram logo seus laureados. Depois de ter por este modo recompensado os dignos esforços no presente, a Sociedade pensou em preparar o futuro, animando os estudos dos pensionistas das escolas de Athenas, de Roma, depois os alumnos da escola de bellas artes e os da escola nacional das artes decorativas, os da escola municipal de aprendizes, etc. Depois ainda vieram as medalhas conferidas aos industriaes de artes, ao pessoal da construcção, empreiteiros, contramestres, operarios, dos quaes (*) ouvireis mais particularmente d'aqui a pouco o nosso secretario mr. Roux. Visto que a Sociedade, não obstante recompensar os trabalhos dos architectos, quiz reconhecer que deviamos muito ao concurso tão dedicado dos empreiteiros, os quaes pela pratica technica e honrada do seu comportamento, facilitavam de uma maneira especial a realisação de nossos projectos, por que razão ainda não estenderiamos cordealmente a mão a esses simples operarios, nossos collaboradores quasi anonymos, mas constantes no trabalho, constantes nos esforços diarios e assíduos? Boa gente, pois são bons no labor, bons contra as intenções malevolas, bons contra o desalento, soffrimento e infeliz fortuna, sem outra consolação, as mais das vezes, que a satisfação do trabalho quotidiano fiel e honestamente cumprido.

E' pois, com orgulho, senhores, que podemos considerar, n'esta data do nosso 50.º anniversario, tudo que tem feito utilmente a Sociedade Central dos architectos francezes por bem da nossa arte e

* Veja-se o Boletim n.º 10, pag. 159.



Fig. 1ª



Fig. 6ª

Fig. 3ª

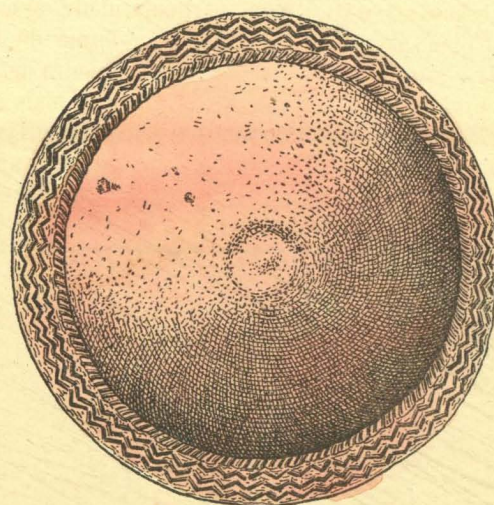


Fig. 5ª

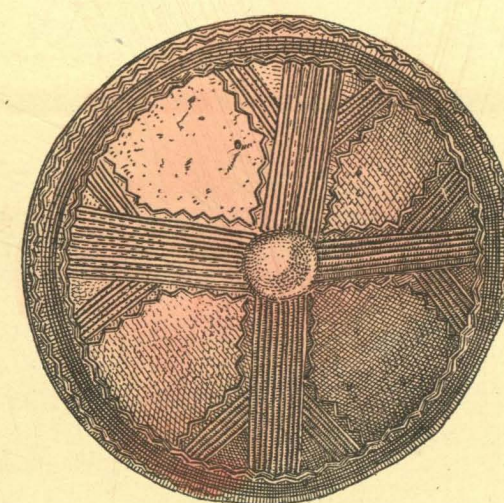
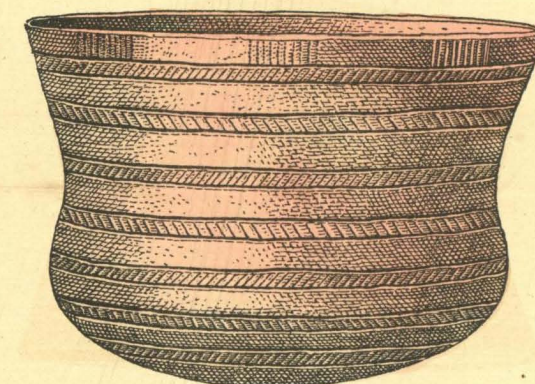


Fig. 4ª

b.



Fig. 2ª



Ceramica Prehistorica da Gruta artificial de Palmella.

Estampa 93.

da nossa profissão. Também devemos uma grata recordação aos fundadores da nossa Sociedade, da qual somos felizes em vêr ainda numerosos representantes entre nós. Saudamos respeitosamente es-

ses decanos veneraveis, manifestando-lhes n'este dia os nossos sentimentos de filial gratidão.

PAUL SÉDILLE.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 93

Grutas prehistoricas de Palmella proximo de Lisboa

Em diferentes regiões se teem feito descobrimentos de grutas artificiaes da epocha neolithica, as quaes se assemelham quasi na sua disposição ás que existem em Portugal, entre os rios Tejo e Sado, na aldêa do Anjo, na quinta da *Commenda* em Palmella. São quatro grutas sepulchraes de que damos a descripção, as quaes teem uma diversa configuração, assim como não apresentam gravuras no interior das paredes como se encontraram nas grutas artificiaes da Marne em França.

As de Palmella são subterraneas, espaçosas e cavadas na *molasse* (rocha rudimentar) plano com piso e abobada hemispherica; a entrada é estreita, do feitio da bocca d'um forno e dando entrada mais espaçosa para as outras.

As paredes conservam ainda os signaes dos instrumentos com que escavavam a rocha, pois sendo *molasse* bastante mole mostram bem visiveis esses detalhes muito interessantes.

A area d'esta gruta é uma circumferencia, porém á porta as paredes interiores são um pouco salientes e mais espessas, afim de apresentarem maior resistencia aos choques e roçaduras e evitar estrago; é sem duvida para notar esta curiosa particularidade.

A direcção d'esta primeira é para Leste-Oeste, duas outras entradas ficam na mesma direcção, mas a entrada para a quarta gruta está para Nor-aeste, sendo em Portugal muito frequente estarem ds entradas das grutas collocadas n'essa direcção, em quanto em França não teem orientação regular. Este jazigo, um pouco maior que o primeiro, tem uma comprida galeria a qual se estreita em muitos pontos.

N'estes sepulchros se encontrou uma magnifica serie de objectos prehistoricos: em primeiro logar vasos ornados de uma maneira excepcional de apreciavel interesse archeologico. Alguns são de pequenas dimensões de argila vermelha e parda, assás bem cosida, delgados e com desenhos gran-

des quando o barro estivesse ainda fresco. Posto que o torno não estivesse conhecido n'esta epocha do fabrico, tinham sem duvida certos processos para obter uma pasta delgada, bem lisa e para executarem a ornamentação sufficientemente regular.

A representação do ornato concavo seria obtida não sómente pelo emprego de moldes; todavia ha numerosos exemplos de impressão tão bem feitos, que se poderia suppôr que o operario tivesse empregado *rolete*.

Alguns d'estes vasos, pelo seu tamanho não serviriam para beber, Fig. 1 e 2, ainda que pelo feitio que tem, os fundos bicudos parecem servir para liquido, ficando o bico firmado na terra ou sobre camada de area afim de não derramar o liquido que conservasse para o uso das pessoas.

Esta particularidade assemelha-se sem duvida aos vasos com a fôrma de tulipa que se acharam nas sepulturas da pedra polida na Bretanha, nos Pyreneus, na Sicilia e mais sitios da Europa.

Ha outra variedade nos vasos de Palmella com o feitio de taça, com ornamentação interna e externa, mas tambem sobre a borda, Fig. 3 e 4, que é muito larga e está virada para dentro da taça, como são tambem as taças irlandezas e principalmente no cromleck de Morbihan, França.

É para notar que vasos d'este genero não se encontram no interior dos paizes, mas sim espalhados nos limites maritimos e que talvez se possa suppôr que na sua origem houvesse relações entre tribus d'essas diversas localidades.

O esmero de enfeitar com feitio tão variado esta ceramica achada nas grutas artificiaes de Palmella não era sómente sobre as faces visiveis, mas tambem nos fundos externos dos vasos, como mostra a Fig. 5, o que denota um gosto mais apurado e civilização mais adiantada dando apreço aos objectos de uso.

Entre essas fôrmas já indicadas, acharam-se outros de typo n.º 5 bastante curioso, com o feitio de meia tijella, tendo a borda revirada para dentro com sufficiente largura para se ter podido abrir oito furos para levar corda e ficar suspenso; seriam para conservar comida ou fructas sem ser destruidas: Foi tambem este em objecto de uso na epocha neolithica na Irlanda. É curioso este modo de sus-

*O interior d'esta gruta. (a H. 10)
Altura 3,50 - comprimento 4,50*

pensão, que faz lembrar os lustres dos nossos aposentos.

Encontrou se igualmente uma tijelinha, em calcário, tendo o fundo bastante pesado e uma cavidade de forma espherica, que se julga teria servido para moer cores ou venenos.

Uma feliz circumstancia deu logar a fazerem-se estes tão importantes descobrimentos.

Quando em 1880 foi escolhido Portugal para se reunir o congresso internacional de anthropologia e archeologia prehistorica em Lisboa, foi encarregado o laborioso e muito intelligente archeologo o fallecido sr. Carlos Ribeiro de investigar nas cercanias da capital antiguidades prehistoricas, afim de se apresentar vestigios importantes d'essa epocha; pois muito pouco se possuia para occupar a attenção dos sabios estrangeiros que se haviam inscripto para tomar parte n'esse congresso; havendo o governo então destinado 20 contos de réis para se organisar os trabalhos do congresso e fazerem-se as excursões necessarias para se avaliar o que haveria no paiz digno de ser examinado pelos membros do congresso para o progresso dos conhecimentos prehistoricos no nosso paiz.

O abalisado archeologo portuguez foi infatigavel para conseguir importantes descobrimentos para esse fim; e entre muitas investigações a que procedeu, tambem fez escavações nas grutas artificiaes de Palmella, mas como o tempo material para se fazerem aturadas pesquisas não era sufficiente nas quatro grutas de Palmella investigou só tres, as maiores que ali achou, desprezando a mais pequena, e sobre o solo se amontuaram os entulhos das tres exploradas, nas quaes achou diferentes instrumentos de pedra polida.

Os archeologos estrangeiros tinham grande empenho de conhecer o que da epocha prehistorica haveria no solo do nosso paiz, porque pouco se havia procurado antes para se avaliar o que o paiz poderia concorrer para o progresso d'esta sciencia. Entre os conspicuos archeologos havia Mr. Cartailiac, distinctissimo cultor d'esses estudos, bem conhecido pelas suas sabias publicações, porém não tendo colhido cabalmente conhecimentos das antiguidades prehistoricas nos poucos dias que durou o congresso, voltou a Portugal mezes depois subsidiado pelo governo francez para fazer todas as investigações que julgasse necessarias para completo exame d'essa remota epocha, sendo solicitado o governo portuguez para facilitar os estudos do distincto sabio.

Com o seu perseverante zelo percorreu todas as provincias Mr. Cartailiac, e colheu copiosos dados sobre que versavam as suas investigações.

Não podia prescindir de examinar as grutas artificiaes de Lisboa, foi a Palmella examinal-as, e com essa perspicaz intelligencia de investigador consu-

mado, emprehendeu fazer escavações na quarta gruta que linha ficado por explorar.

Fez Mr. Cartailiac desentulhar essa gruta e achou uma grande collecção ceramica prehistorica de subido valor archeologico, que veio dar a Portugal mais um raro descobrimento da epocha neolithica. Este inesperado exemplar causou verdadeiro regosijo ao afortunado archeologo francez que dotou o seu paiz com a collecção de todos os vasos em perfeita conservação que achou, e Portugal colheu unicamente a fama de haverem existido no seu solo novos e importantes objectos de ceramica que indicavam o desenvolvimento industrioso dos habitantes da epocha da pedra polida na Lusitania. Desejei tornar mais conhecida a perfeição do trabalho de oleiro d'essa remota epocha descoberto no nosso paiz, havendo-me servido das informações dadas pelo archeologo francez que teve a ventura de enriquecer os nossos estudos scientificos com exemplares de tão superior merecimento.

A Associação manifestou a este sabio o apreço que deu aos seus trabalhos scientificos archeologicos que publicou ácerca de Portugal, conferindo-lhe uma medalha de prata de 1.^a classe.

J. DA SILVA.

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Continuado do n.º antecedente)

O maior numero d'estas vidraças tem emoldurados de feitio architectural, consistindo em contrafortes cheios de pinaculos ou columnasinhas, com os fustes mais ou menos ornados. Estes emoldurados parecem suster os doceis, cujos lados inclinados da empena, sempre de fórma ogival, são ornados de elegantes folhagens. Debaxo dos doceis estão figuras em pé separadas pelas molduras das ombreiras, seja por assumptos historicos ou legendarios, occupando toda a largura do vão. Nas vidraças com assumptos não apparecem os filetes de ferro na separação dos vidros. Quando se superpõem, como ás vezes acontece, muitas figuras e muitos assumptos em um só vão da janella, ficam separados uns dos outros por sócos ornados com decoração architectonica da epocha, e apoiando se sobre os docéis que formam o remate do renque inferior.

Os grandes progressos que foram realizados, no xv seculo, na pintura opaca ou de cavallette, e o estado prospero em que ella se achava desde a primeira metade do xv seculo, exerceram a mais funesta influencia sobre a pintura translucida. Os

pintores de vidraças, que quasi sempre eram tambem, e mesmo principalmente, pintores de quadros, esqueciam diariamente, cada vez mais, que a pintura sobre o vidro é essencialmente uma pintura de convenção. Não se contentavam de introduzir nas vidraças pintadas um desenho mais correcto, procuravam ainda enganar a vista do espectador tão completamente quanto fosse possível; por outras palavras, executavam sobre o vidro composições que só convinham para superficies opacas.

No meiado do xv seculo, apparecem nas vidraças pintadas, como nos quadros de tela, pequenas paisagens em perspectiva longiqua; estas paisagens representavam vistas pittorescas de castellos cheios de ameias, edificios de toda qualidade e apresentações dos trabalhos agricolas.

No xii e no xiii seculo, as vidraças das egrejas compunham-se de pinturas e esculpturas, eram um livro sempre patente, onde os ignorantes e bem assim os estudiosos podiam instruir-se nos principaes dogmas da Fé, na historia da religião e nos deveres do homem para com Deus e o proximo. Esta missão sublime da arte religiosa começou a ser esquecida durante o xiv seculo; em muitas vidraças d'esta época, as representações exemplares e instructivas são substituidas por brazões e retratos em pé dos doadores. No xv seculo, as propensões, cada vez mais profanas, se manifestam na escolha dos assumptos reproduzidos nas vidraças pintadas. Estas não serviam para instrucção do povo; muitas vezes os principaes dignitarios ecclesiasticos e os poderosos do mundo se faziam ahi representar sumptuosamente; quando muito, o santo orago apparece atraz no segundo plano da pintura, enquanto os brazões de armas se repetem, sob formas diversas, em todos os lados da vidraça.

Vidraças pintadas no XVI seculo

No xvi seculo, as vidraças pintadas apresentam um aspecto inteiramente novo. Todavia o primeiro terço do seculo se passou sem que os processos materiaes da pintura sobre o vidro se tivessem modificado e se a *renascença* não tivesse, desde este momento principiado a influir nas composições artisticas, seria difficil distinguir as vidraças dos primeiros annos do xvi seculo das do final do seculo precedente. Em 1540, uma nova côr teve applicação, o *encarnado de ferro*, que se juntou na paleta do pintor de vidraças aos tres esmaltes conhecidos então: o pardo, o amarello de prata, e a côr para encarnação. Alguns annos depois, em 1530, achou-se o segredo de applicar todas as côres, preparando-as com um liquefactivo (que não era outra coisa que o pó vitreo), incorporando-os pela cozedura nas placas de vidro. Este genero de

pintura sobre vidro, que teve o nome de *pintura ou apprêt*, deu grandissimas facilidades para os pintores de vidraças, e fez mudar completamente os processos da arte. O artista preparava primeiramente a placa vitrea, pouco mais ou menos como a tela, para a pintura a oleo pela maneira de tintas geraes e sitios; sobre estes tons modelava depois as figuras e objectos; finalmente traçava as sombras e alcançava o effeito com os retoques de côres, emquanto fazia apparecer os pontos luminosos, desfazendo com promptidão a tinta opaca afim de deixar ao vidro toda a sua translucidez.

Cerca da mesma época descobria-se a propriedade que tem o diamante de cortar vidro, inventando-se o tira chumbo, que facilitou a produção dos filetes de chumbo para segurar os vidros, conseguindo-se tambem executar placas de vidro de grande dimensão. Todos estes progressos nos processos materiaes produziram uma revolução completa na arte da pintura das vidraças, e tiveram por principal resultado o abandono quasi total dos vidros tintos na massa.

O estylo das vidraças transforma-se inteiramente no xvi seculo sob a influencia artistica do renascimento. Nos edificios religiosos dos primeiros annos do xvi seculo, a volta inteira substituiu insensivelmente a ogiva. Depois d'esse momento tambem appareceram, sobre as vidraças pintadas, ornatos tirados do estylo classico, misturados com florões e outras decorações que recordavam ainda a época ogival. Pouco a pouco as idéas classicas fazem progressos e conseguem, depois de algum tempo, obter a preferencia. Não se vê mais então ovanos, volutas, folhas de acantho, festões de flôres e fructas. O arco de triumpho ou portico imitado da architectura pagã, forma de ora ávante o moldurado proprio das vidraças pintadas em que figuram as personagens e os assumptos. Até metade do xvi seculo, o artista se satisfaz em desenvolver, na parte inferior da vidraça o assumpto principal com o moldurado que o limita, e reserva a parte superior assim como o tympano para collocar os brazões e os symbolos. Poucos annos depois da metade do xvi seculo em 1560, o assumpto e o emoldurado passam mesmo atravez dos enlaçamentos do tympano, se todavia os quizerem respeitar, e não fazem-os desaparecer.

Os assumptos religiosos e symbolicos são raros sobre as vidraças pintadas do xvi seculo; vêem-se as mais das vezes os retratos dos doadores nas vidraças, onde apparecem representados geralmente de joelhos sobre um genuflexorio, quer sós, quer rodeados das pessoas de suas familias. O orago do sanctuario os acompanha sempre, e os seus brazões repetem-se muitas vezes em diferentes partes da pintura da vidraça.

No xvi seculo, produziu-se uma certa predilecção pelas pequenas almofadas pintadas com que se ornavam antes, algumas vezes no final do seculo precedente, as vidraças dos edificios publicos, castellos, claustros e mesmo as habitações particulares. Essas bonitas pequenas almofadas, quer em grizalha relocada com amarello de prata, quer de côres differentes, são feitas com bastante tenuidade e delicadeza extrema. Às vezes occupam toda a abertura, ou pelo menos uma das divisões principaes da vidraça, outras vezes consistem em simples medallhões circulares ou ovaes, circumdados de vidro colorido ou branco. As pequenas vidraças pintadas, designadas *vidraças suissas*, porque tiveram primeiramente uso na republica Helvetica, pertencem á mesma cathegoria. Estas vidraças, cujo uso se conservou durante os seculos seguintes, reproduziram para a nobreza os brazões de familias differentes moldurados; para os edificios municipaes, as armarias da cidade ou da provincia com figuras de porta-estandartes vestidos com os trajos e as armaduras da época; para as abbadias, as armas do mosteiro ou a figura em pé do fundador. Os burguezes e as pessoas de profissão eram ahí representados com os symbolos do seu officio sobre um escudo. Muitas vezes tambem os fidalgos, burguezes e operarios eram representados todos nos seus trajos com sua familia. A transparencia e o brilho do colorido são geralmente mais vistosos nas vidraças suissas, que nas maiores vidraças pintadas.

Vidraças pintadas do XVII seculo

No xvii seculo, a pintura com preparo ou com côres pegadas, continuou a ter voga, devido aos aperfeiçoamentos introduzidos na composição e no assentar os esmaltes, o que fez abandonar completamente o emprego dos vidros duplos e dos vidros tintos na massa. Este genero de pintura, muito apropriada para as vidraças pintadas dos aposentos, não convinha de maneira nenhuma para decoração das grandes vidraças pintadas, porque o artista querendo apresentar grandes sombras e tons fugitivos, servindo-se de meias-tintas e de tintas de bistre, tornava a sua pintura tão carregada, embaciada e confusa que, por vezes, era difficil distinguir os objectos.

A representação de Arcos de Triumpho ou porticos constituia, como no seculo precedente, o moldurado forçoso de todas as composições, com esta differença, que esses arcos e esses porticos são agora vistos obliquamente ou de lado, isto é, em perspectiva, enquanto d'antes apresentavam a frente geometral.

Os filetes de chumbo, que anteriormente seguravam tão vantajosamente os principaes contornos do desenho, foram considerados como inuteis e

mesmo causando embaraço na execução da pintura. Não serviram mais que para reunir vidros eguaes e quadrados, formando uma especie de cannicado, por detraz do qual os artistas pintavam sobre os vidros como se fossem uma tela, não fazendo nenhum caso das juntas metallicas.

Vidraças pintadas do XVIII seculo

No xviii seculo, os vidros tintos na massa foram pouco fabricados; o seu preço era avultado, e sua falta muito grande. Quasi todas as vidraças d'esta época são com vidros esmaltados. O esmalte branco, já conhecido no xvi e xvii seculo, veio a ser então de uso geral e formou as principaes côres empregadas. A decadencia da pintura das vidraças foi completa, e a arte perdeu a tal ponto que havia em Paris um *unico pintor d'esta especialidade*, o qual não podia subsistir por este trabalho.

Finalizando a historia de pintura sobre o vidro, devemos notar uma tradição popular muito vulgar que considera, sem razão, a arte da pintura sobre o vidro, conforme era feita na idade média, como sendo um segredo que se perdeu desde muito tempo. Esta opinião não tem nenhum fundamento.

Pilares, columnas e columnasinhas

Na idade-média, as designações de *pilar* e de *columna* se confundem muitas vezes; todavia a palavra *columna* indica a idéa de um apoio com fuste cylindrico. Encontram-se nos edificios do periodo ogival quatro especies principaes de pilares ou columnas: o pilar *quadrado*, a *columna monocylindrica*, a *columna cruciforme* e a *columna enfeixada*. A *columna monocylindrica* dá em secção um *circulo*, e o pilar quadrado, um *quadrado* ou um *rectangulo*; a *columna cruciforme* compõe-se de um *pilar central*, tendo sobre *as faces quatro columnas* mais ou menos envolvidas; finalmente a *columna enfeixada*, como o nome indica, é o resultado da reunião em *mólho*, em roda de um massiço formando pilar, *muitas columnasinhas ou nervuras*.

Os pilares quadrados são raros durante o periodo ogival; apparecem no começo, e ás vezes as suas arestas são chanfradas.

Em quasi todos os monumentos belgas do xiii e xiv seculos, as columnas são monocylindricas. As columnas cruciformes, communs nas cathedraes francezas, servem na Belgica principalmente na intersecção da nave e do transepto nos grandes edificios.

Os edificios do xv seculo teem as columnas monocylindricas ou enfeixadas. As primeiras apresentam ás vezes capiteis; outras vezes são inteiramente privadas d'elles. N'este ultimo caso os arcos-duplos e as nervuras das abobadas nascem directamente do fuste da columna, no logar onde se colloca o capitel. Este genero de columnas se encontra muitas

vezes em todos os paizes da Europa central e occidental.

No xv seculo, as columnas enfeixadas não são já formadas, como precedentemente, de columnas sinhas com capitel, porém compostas de nervuras *prismaticas em grupo*, á roda de um pilar central. Estas nervuras saem da base da columna erguendo-se quasi sempre sem ter por intermedio o capitel até ás abobadas do edificio, afim de formar os *arcos-duplos* e os arcos ogivales; são sempre com a fórma angulosa e apresentam secções semelhantes ao feitio de um seio. É por excepção que se encontram ainda em certas partes dos monumentos do xv seculo, columnas enfeixadas formadas pela reunião de columnas sinhas cylindricas com capitel.

Os pilares e as columnas são construidas por *fiadas* na Belgica, na Allemanha e no Norte da França. No meio-dia da França e na Italia, as columnas cylindricas são quasi sempre monolithos.

Durante o periodo ogival, os fustes das *columnas sinhas* não são, como muitas vezes no periodo *roman*, cobertas de diversas esculpturas. Todavia encontram-se, em alguns edificios dos primeiros annos da época ogival como na cathedral de Chartres em França, e em muitos monumentos italianos, columnas sinhas *terciaes* em que o fuste é em espiral.

As columnas sinhas tiveram principalmente applicação no xiii e no xiv seculos. As que compõem os grandes pilares teem geralmente o seu fuste envolvido n'um quarto de circumferencia, os outros tres quartos ficam apparentes; algumas, não obstante, estão inteiramente separadas da parede ou da columna que fórma o pilar que ellas ornão, como existe nas cathedraes de Amiens, França, e de Salisbury, na Inglaterra. No xiii seculo, essas columnas são muitas vezes, como as do seculo precedente, *aneladas*, ou compostas de engrossamentos em fórma de bracelete.

No xv seculo, estas columnas sinhas são raras; ou então substituidas por nervuras prismaticas não sómente nas columnas enfeixadas, mas tambem em todas as outras partes dos edificios, taes como o molduramento das portas e das janellas. Estas nervuras teem base, mas sem capitel.

No principio do xvi seculo tornam a apparecer as columnas sinhas com o fuste coberto de esculpturas, representando figuras geometricas, festões e arabescos. Os fustes das columnas sinhas d'esta época são regularmente cylindricos: algumas vezes polygonaes ou apresentando a fórma de *balaustre*.

Bases das columnas

As bases das columnas do xiii seculo compõem-se de dois *tóros* separados por uma cavidade redonda (*scocia*) bastante profunda de maneira a formar

uma calha na qual a agua da chuva se retém afim de não prejudicar o cimento da construcção. Algumas vezes o *tóro* inferior é achatado e sobressae bastante por cima do *plintho*; o *tóro* superior é quasi sempre cylindrico; por vezes todavia apresenta uma pequena depressão.

Durante a primeira metade do xiii seculo, as bases das columnas estão ainda muitas vezes ligadas aos angulos dos seus *plinthos por garras*. As garras apparecem por vezes, porém excepcionalmente no final do periodo ogival.

Depois do meado do xiii seculo, a *scocia* profunda, que indica um dos signaes caracteristicos das bases da ultima metade do xii seculo e do principio do xiii seculo, desaparece pouco a pouco, assim como o achatamento do *tóro* inferior. As bases passam depois successivamente pela fórma polygonal ou cylindrica; pertencendo a primeira d'este feitio ao xiii seculo, e a segunda ás bases do xvi seculo.

Quando o *tóro* inferior da base desdobra muito sobre o *plintho* da columna, põe-se algumas vezes um pequeno apoio por baixo do *tóro*. Esta particularidade, sem belleza, se encontra nos edificios francezes e da Belgica.

O sóco sobre o qual vem assentar a base da columna do xii e do xiv seculos, fórma, quasi sempre, um octogono regular; algumas vezes, contudo, é quadrado (nos edificios dos primeiros annos do periodo ogival) ou cylindrico. Os *sócos cylindricos* encontram-se em muitos monumentos belgas do xiii e do xiv seculo: tambem são bastante communs na Inglaterra: em França servem na Normandia, na Bretanha e no Maine.

No xv seculo, a base e o *plintho* das columnas monocylindricas são extraordinariamente delgados. A base é formada sempre por uma simples moldura do feitio de *tóro*. Muitas vezes esta moldura, que nos seculos precedentes era traçada sobre um plano circular, toma a fórma polygonal do sóco.

Nas columnas enfeixadas do seculo xv, as pequenas bases parciaes das nervuras prismaticas ou cylindricas em grupo á roda do pilar central, formam, pela sua reunião e penetração, a base e o sóco da columna. Durante a primeira metade d'este seculo, as pequenas bases teem todas o mesmo perfil e ficam ao mesmo nivel. Mais tarde, os architectos costumaram perfilar as bases parciaes em niveis differentes, como para melhor fixar cada columnasinha e para evitar tantas compridas linhas horisontaes.

Capiteis.—Durante todo o tempo do periodo ogival, ornaram regularmente com bellas esculpturas os acafes dos capiteis. Houve contudo excepções a esta regra, e por isso se encontram em alguns edificios religiosos de segunda e terceira ordem do

xii e do xiii seculos, limitados por uma simples moldura.

Os capiteis do seculo xiii distinguem-se com facilidade pela ornamentação vegetal de um character mui particular. O seu acafate compõe-se geralmente de um, de dois, e algumas vezes mesmo de tres renques de crochets ou enroscamento de folhagens. Os crochets de renque superior supportam quasi sempre os angulos do abaco, e substituem, de alguma maneira, o emprego dos modilhões. No final do xii seculo e no principio do xiii seculo, teem a sua extremidade enroscada e parecem rebentos de vegetaes. Em França desde o final do xii seculo, e na Belgica um pouco depois, as extremidades dos crochets se desenrolam, e os rebentos se abrem em folhagens.

Algumas vezes os crochets, em lugar de acabarem por folhagens enroscadas ou abertas, trazem no seu cume cabeças de homens e de animaes verdadeiros ou phantasticos.

Os capiteis com crochets enroscados, cujo emprego então estava abandonado em toda a parte no final do xiii seculo, continuou na Flandres maritima até ao fim do periodo ogival. Além d'isso, os crochets teem n'esta região uma fôrma especial; seus enroscados são muito mais chatos e mais largos.

A ornamentação dos capiteis do xiv seculo consiste em ramos de folhagens, de flôres e de fructos, de fôrma muito variada, nas quaes se acham todos os caracteres da escultura ornamental do xiv seculo. Os crochets, appropriadamente assim designados, não apparecem mais que excepcionalmente com os capiteis d'esta época: todavia os ramos de folhagens e de flôres são geralmente collocados, nos angulos do abaco, de maneira a recordar pelo seu vulto os crochets do xiii seculo, e servem para o mesmo fim. Muitas vezes estes ramos são dispostos sobre dois renques; esta maneira se nota sempre quando, como acontece repetidas vezes, o acafate é composto de duas peças sobrepostas, e mesmo algumas vezes, quando o capitel é formado de uma só pedra.

As figuras de animaes reaes ou phantasticos se encontram poucas vezes sobre os capiteis do xiii e xiv seculos.

Os capiteis do xv seculo teem, como os dos seculos precedentes, o seu acafate coberto de folhagens; porém essas folhagens apresentam geralmente mais ou menos desenvolvimento; são delgadas, angulosas, muito recortadas, muito profundas e exaggeradas. Com o xv seculo, appareceu sobre os capiteis o ornato vulgarmente designado *folha de repolho*.

Em muitos ornamentos do xv seculo, os architectos levados pela applicação muito rigorosa do preceito que qualquer ornato deve ter ao mesmo

tempo um emprego necessario; supprimiram o capitel. N'estes casos, os arcos-butantes e as nervuras das abobadas sobem, sem intermediario, do fuste cylindrico; ou então nascem na base mesmo da columna, seguindo toda a largura do fuste até ao nascimento das abóbadas, e tomam, n'esse lugar, as differentes direcções convenientes para a construção das abobadas.

As columnas cylindricas com capitel são usadas nos edificios belgas do xv seculo, mas são bastante raras em França.

Modilhões e misulas

É um apoio que faz saliencia sobre a face de uma parede ou de uma columna que se chama *modilhão* quando tiver dois lados lateraes parallellos e perpendiculares á parede; e *misula*, quando apresentar differente posição.

Depois do meiado do xiii seculo, os modilhões do feitio de curvas são raros.

As misulas apresentam por vezes uma tal ou qual similhança com os capiteis, e são tambem sempre rematadas por um abaco; differenciam-se contudo, as mais das vezes, pelo seu género de ornamentação. Na verdade, as esculturas dos capiteis do periodo ogival reproduzem quasi sempre vegetaes: e sómente por excepção mostram figuras de homens ou de animaes. Sobre as misulas, pelo contrario, a ornamentação vegetal não apparece, por assim dizer, senão no xiii seculo, e mesmo é rara; durante os dois seculos seguintes desaparece, e então as misulas são constantemente formadas de personagens grotescas, acoradas, de animaes reaes ou phantasticos, e algumas vezes tambem de cabeças humanas, ou figuras de anjo e de homem sustentando escudos, disticos e bandeirolas.

Muitas vezes as misulas, collocadas quer no interior, quer no exterior dos edificios, são pintadas com côres vivas.

Arcadas e arcaduras

As grandes arcadas ou archivoltas ligando os pilares das naves e sustentando o peso das paredes superiores, compõe-se regularmente de dois ou tres renques de sobre arcos nos edificios do periodo ogival. Os perfis variam nos differentes seculos.

No xiii seculo, e mesmo ainda no xiv seculo, as arestas da archivolta são formadas por tóros inscriptos na face quadrada da peça do arco; no xiv seculo e durante uma grande parte do xv seculo, os tóros já não são completamente cylindricos, mas teem antes do termino a curva d'esta moldura, um filete destinado a deter a força do reflexo; no final do xv seculo e no principio do xvi, os tóros cylindricos tornam a apparecer.

As *arcaduras* são bastante vulgares nos monu-

mentos do periodo ogival; servem para ornar o liso das paredes internas e exteriores dos edificios. Na parte interna apparecem principalmente no *triforium* e por baixo dos peitoris das janellas das naves lateraes; na parte exterior, por baixo das cornijas e nos frontespicios, nos vasamentos dos grandes portaes e nas galerias dos claustros.

As arcaduras que se vêem em baixo das janellas de quasi todos os grandes monumentos, compõem-se de uma serie de pequenas arcadas fingidas, collocadas entre os peitoris das janellas e o solo ou no sóco de cantaria que fórma, muitas vezes, uma especie de base ao longo das paredes das naves lateraes.

No xiii seculo, as curvas das arcaduras assentam sobre columnellos mais ou menos embebidos na parede. No xiv e no xv seculos, os *columnellos* ficam substituidos por simples nervuras, ás vezes cylindricas; porém as mais das vezes a secção polygonal não differe muito da de uma semi-hombreira de janella. Estas nervuras teem remate junto do solo, sobre as bases que lhes pertencem. No final do periodo ogival, supprimem-se, por vezes, as nervuras, e então as *arcaduras* assentam sobre modilhões.

No xiv e no xv seculos, as arcaduras sobre os peitoris das janellas ligam-se inteiramente com as hombreiras das janellas e parecem, de alguma maneira confundir-se com elles: parecendo que atravessam a cantaria do peitoril e descem até ao solo. As arcaduras não são mais do que a parte inferior da janella que está tapada, e na verdade, a parede necessitando de diminuir para dentro, ficando á face da vidraça, afim de deixar metade do peitoril apparente, conserva apenas uma pequena grossura, que equivale a uma simples divisão.

Nos edificios mais esmerados, os *seguintes*, isto é, os lados triangulares comprehendidos entre os extradoz das archivoltas e de duas *arcaduras*, proximas uma da outra, estão geralmente ornados com esculpturas, pinturas ou rendilhados, mostrando a fórma trilobada ou quadrilobada, e com vidros pintados, emquanto as paredes que separam os entre-columnios, apresentam pinturas decorativas.

As esculpturas e as pinturas com as quaes se decoravam os *seguintes* das arcaduras, durante o periodo ogival, são ora legendarios ou satyricos, ora tirados do reino vegetal. Nos monumentos inglezes do xiii seculo, os *seguintes* estão muitas vezes com ornatos semelhantes a estofo cheio de relevo.

Dentro das grandes egrejas do xv seculo existem como decoração as arcaduras e outras figuras por cima e por baixo do *triforium*, sobre o dorso das grandes arcadas e ao correr das janel-

las mais superiores; ás vezes mesmo sobre o liso das paredes e em outras partes do edificio.

Triforium

Os *Triforiums* comprehendem toda a largura das naves lateraes, não se vêem senão por acaso nos edificios do periodo ogival. Desde o final do xii seculo, lhes substituiram, nas egrejas da Europa occidental, galerias estreitas, abertas na grossura da parede, por baixo dos peitoris das janellas superiores da nave principal. Estas galerias estreitas offereciam commodidade; em primeiro logar facilitavam a circulação dentro da igreja quasi á altura das janellas superiores, e davam logar a collocarem-se as armações e outros adornos com que havia o costume de decorar as egrejas nos dias de festa; e em segundo logar, diminuindo a grossura das paredes superiores, alliviavam a pressão exercida sobre os pilares principaes dos edificios; finalmente, offereciam uma das mais importantes disposições para a decoração da nave principal.

O triforium communica com o interior da igreja por series de arcaduras abertas, tendo o mesmo feitio que as arcaduras que havia sobre o liso das paredes, debaixo dos peitoris das janellas inferiores. Muitas vezes, principalmente no xv seculo, tapava-se a parte inferior da arcadura com um parapeito formando ornato de feitio de trêvo ou de quatro folhas.

Nota-se que nos triforiums, assim como nas arcaduras com ornato, as archivoltas ficam assentes sobre columnatas com capitel pertencente ao estylo do xiii seculo, e sobre *nervuras das hombreiras* dos seculos seguintes. A disposição das arcaduras do triforium apresenta ainda uma outra analogia muito parecida com as arcaduras de ornato, formando, regularmente, desde o final do xiii seculo, a continuação das janellas das naves lateraes. Depois d'esta época tambem as arcaduras do triforium se assemelham ás janellas superiores da nave principal.

No termo do periodo ogival, supprimem-se muitas vezes as arcaduras, não conservando mais do que um simples guarda-peito; o ornamento denominado *chamma* apparece regularmente nos desenhos que formam as hombreiras d'esses guarda-peitos. As janellas superiores ficam, n'este caso, collocadas a prumo sobre a parede exterior do triforium.

Na Belgica, o triforium é geralmente tapado do lado exterior da nave por uma parede; é, por excepção, que esta parede tem abertura, e a um ou dois metros por cima do pavimento da galeria, pequenas aberturas circulares, *trilobadas* ou *quadrilobadas*, cobertas de grisalhas ou com ornatos elevados. Nos edificios francezes do xiii e xiv seculos, pelo contrario, a galeria do triforium não fica, as

mais das vezes, separada do exterior senão por uma simples lumieira, apresentando bellos vidros pintados, semelhantes aos que decoram as janellas.

Cornijas

As cornijas do estylo ogival têm geralmente pouca importancia. Nos edificios que pertencem ao periodo de transição, e mesmo, na Belgica, em algumas que são dos primeiros annos do periodo ogival, o *larmier* superior da cornija assenta ainda muitas vezes, de distancia em distancia, do mesmo modo que na época *roman*, sobre cachorros servindo de modilhões, com muita sacada, mas de grande simplicidade.

Em França, as cornijas dos monumentos mais principaes compõem-se, quasi sempre, de duas fiadas de cantaria. A fiada inferior está ornada de crochets vegetaes no xiii seculo, de folhagens ondeadas no xiv, e de folhas de repólho encrespadas no xv. Algumas vezes vê-se tambem, entre estas esculpturas, modilhões formados por cabeças humanas ou por carrancas.

As cornijas dos grandes edificios belgas apresentam as mesmas fórmulas geraes que as cornijas francezas, porém não têm esculpturas, sendo substituidas por arcaduras simples, ogivaes, ou triboladas. Estas arcaduras apparecem principalmente nos paizes onde, durante o periodo *Roman*, as arcaduras serviam de decoração, imitando-se o estylo Lombardo, e foram usadas para ornar certas partes dos edificios.

Desde o começo da ultima metade do xiii seculo até o final do xiv, os edificios de segunda ordem, e mesmo os de primeira ordem na Belgica, têm as cornijas compostas de simples perfis, formados por um pequeno numero de molduras pouco importantes.

Platibandas

As *platibandas* que corôam as cornijas no exterior dos edificios principiaram nos primeiros annos do xiii seculo. Antes, a agua da chuva caía dos telhados directamente sobre o solo; até o meiado do xiii seculo sómente os edificios mais importantes tiveram canos de chumbo para dar vasão á agua da chuva e se assentaram platibandas sobre a beira do telhado. Estas platibandas encaavam a agua por gargúlas, que a lançavam para longe da face das paredes, e impediam por esta maneira que as aguas da chuva podessem prejudicar a base da construção, introduzindo-se-lhe a humidade. As platibandas, cujo destino principal era evitar o perigo que apresentava passar sobre as gargúlas, facilitam além d'isso os concertos do telhado, e resguardam das telhas da beira quando cáem; permitindo aos architectos darem melhores decorações ao exterior dos monumentos.

As mais antigas platibandas têm a fórmula de arcaduras rendilhadas, compostas de columnatas, sobre as quaes vem assentar um remate vasado, na sua parte inferior, em arco ogival, *trilobado*. No final do xiii seculo substituíram-se as arcaduras pelas folhas de três e de quatro folhas vasadas.

A altura e o feitiço das platibandas variam conforme os materiaes empregados. No xiv seculo as platibandas, as mais das vezes, tinham folhas de três e de quatro folhas, vasadas e divididas de distancia em distancia, na prumada dos contra-fortes, por pináculos. No xv seculo, as prumadas são compostas, umas vezes pela reunião de rhombos, de triangulos equiláteros curvilíneos, ou por figuras geometricas angulares; outras vezes por desenhos flammejantes, parecidos com os que caracterizam os tympanos das janellas d'esta época. No final do xiv seculo apparecem, principalmente nos edificios civis, as platibandas com ameias, nas quaes se vêem os mesmos feitiços que nas platibandas vulgares. O seu uso persistiu até ao final do periodo ogival.

As platibandas com arcaduras verticaes apparecem ainda aqui ou acolá nos edificios do xiv, xv e mesmo no xvi seculo.

Abobadas. As abobadas ogivaes distinguem-se ao mesmo tempo pela sua elegancia e leveza. Isto foi resultado da pouca grossura dos triangulos do enchimento que vedava a parte composta de arcos-duplos e de nervuras. Comtudo a leveza não excluía a solidez; pelo contrario, as abobadas ogivaes são mais solidas e mais resistentes que as dos periodos anteriores, posto que sejam muito menos massiças.

Estabilidade e plano das abobadas. Já explicámos que a estabilidade das abobadas não depende do mesmo principio dos edificios antigos e do periodo ogival; e fizemos notar, em poucas palavras, os progressos tão importantes realisados pelos architectos do xii e xiii seculos nas construcções das abobadas.

Fizemos tambem conhecer que as abobadas com o feitiço das nervuras, como são construidas as abobadas ogivaes, causam um esforço lateral que tende a desviar para fóra dos seus pontos de apoio as columnas, contra-fortes ou paredes. Os constructores do periodo ogival evitavam esse esforço lateral, oppondo-lhe quer um esforço em sentido inverso, quer um obstaculo rigido que, impedindo de operar, resolveu-o empregando cargas verticaes. É caso particularmente para notar, porque constitue igualmente uma differença essencial do systema de construção dos antigos, esses obstaculos apresentam as dimensões unicamente necessarias para preencher o fim ao qual são destinados.

Esta neutralisação dos esforços lateraes não se obtem da mesma maneira nos edificios religiosos, cuja nave principal é notavelmente mais alta do que as naves lateraes, e n'aquelles em que todas as naves teem egual altura.

Egrejas que teem a sua nave central muito mais elevada do que as outras lateraes. Foi o systema adoptado, desde o final do xii seculo, pelos constructores da Europa occidental, afim de conservar o equilibrio das differentes partes de que se compunham os seus monumentos; porque o arco-duplo da abobada principal á parede mestra, o arco butante, o contraforte e a columna que separavam a nave principal da nave lateral do seu arco-duplo, formavam um triplo esforço motivado pelo arco-duplo da abobada principal e os seus dois arcos ogivales, que faziam pender para fóra a parede mestra do edificio. A este esforço, o constructor da idade média oppunha o arco butante, que vinha apoiar-se sobre a parede mestra, ficando collocado ao mesmo nivel. Por esta maneira o esforço triplo causado n'esse ponto era transferido sobre o contraforte, onde se quebrantavam por causa da sua rigidez; e devido a essa rigidez, o seu peso juntando-se ao da parede mestra do edificio, que comprime sobre a columna que sepára as duas naves; por ambas as forças reunidas, tornava-se esta bastante fixa para aguentar e neutralisar o triplo esforço exercido pelo arco-duplo da nave lateral e pelas nervuras proximas da mesma nave. O esforço do arco duplo d'esta nave e das duas nervuras ficam supprimidas pelo encontro do contraforte.

Egrejas em que as naves ficam na mesma altura. N'estas egrejas os esforços lateraes que a abobada da nave principal opéra sobre os seus pontos de apoio ficam diminuidos pela pressão das abobadas exteriores d'estas mesmas na naves lateraes, ficando supprimidos pelos contrafortes, geralmente bastante salientes, os quaes lhes oppõem um obstaculo rigido, que produz o equilibrio das abobadas.

Abobadas de feitio de tecido. As abobadas sobre plano quadrado longo, formadas por arcos ogivales que se encontram uma só vez, foram geralmente abandonadas proximo do meiado do xv seculo. Apparecem então as abobadas em *tecido*, designadas tambem pelos archeologos, obobadas *com divisões prismaticas*. N'estas abobadas as nervuras bifurcam-se, ramificam-se e cruzam-se em todos os sentidos, de maneira a figurar um verdadeiro tecido, como está representado na surprehendente abobada do cruzeiro da igreja monumental dos Jeronymos em Belem. Todos os pontos de intersecção das nervuras estão regularmente ornados de esculpturas.

Perfis das nervuras nas abobadas ogivales. As nervuras ou arcos ogivales das abobadas construidas no final do periodo Roman consistem muitas vezes em um grosso tóro, algumas vezes tendo dois ou quatro tóros de menos vulto. Os arcos-duplos da mesma época, muito mais massivos que as nervuras, apresentam secções quadradas ou rectangulares, e teem os angulos das partes concavas da abobada talhadas em tóro. Desde o principio do xiii seculo, os arcos duplos tiveram, com raras excepções, os mesmos perfis que os arcos ogivales.

Durante os primeiros annos do periodo ogival, vê-se ainda arcos-duplos e arcos ogivales muito grossos, semelhantes aos dos edificios romans. Todavia não tardou a adelgaçarem, a diminuir de grossura. Pouco depois, a parte redonda do tóro principal apresenta uma aresta viva. Esta fórma teve logar em França desde o final do xii seculo, e na Belgica sómente no meiado do seculo seguinte. Mais tarde, em França ao principio, e na Belgica proximo do meiado do xiii seculo, a aresta viva é substituida por um filete, que ficou adoptado até ao final do periodo ogival. Nos edificios francezes apparece tambem o filete sobre os tóros secundarios desde o meiado do xiv seculo. No final do xv e no coimeço do xvi seculo, as nervuras apresentam muitas vezes o perfil composto de molduras concavas e redondas.

Comparando-se os perfis mais antigos com os mais recentes, nota-se que os primeiros apresentam uma superefie mais larga e menos alta que a dos ultimos. Esta mudança na fórma dos perfis não se fez sem motivo: os constructores tinham aprendido por experiencia que a resistencia de um arco ou de uma nervura está em razão directa da altura da peça de voltas e não em razão da sua largura.

(Continúa).

POSSIDONIO DA SILVA.

NOTICIARIO

O Museu metropolitano d'Arte de New-York commendou ao esculptor parisiense, o sr. A. Jolly, uma reprodução a 3 centímetros por metro da Cathedral de N. S. de Paris. Este trabalho foi executado com muito esmero.

Nos paizes cultos procuram enriquecer os Museus artisticos não sómente com a reprodução dos seus monumentos como tambem dos outros mais notaveis dos paizes estrangeiros; Portugal, porém, não tem pressa de pensar em cousas de tão pequena importancia.

Foi inaugurado no mez de julho findo, um hospital francez, em Londres, devido á iniciativa de

generosos subscriptores, no numero dos quaes Mrs. Rufer, Nicols e Silvand concorreram com 25.000 frs. cada um, tendo igualmente Mr. Anchois legado um milhão ao Governo Francez, com a obrigação de pagar em cada anno o juro a este hospital. Os bustos d'estes benemeritos doadores foram collocados no edificio, situado na Avenida Shaftesburgo. O architecto, Mr. Thomaz Verity, recebeu o grão de Cavalleiro da Legião de Honra.

Um jury de tres engenheiros laureou o projecto de Mrs. Stewart, Mac Larew e Durns, para se construir uma torre de aço em Londres, que terá 360 metros de altura com quatro andares. Os inglezes querem mostrar que tambem sabem construir com cruzetas metalicas de todos os tamanhos gigantesas torres como em França se fez com a Torre Eiffel, mas para ficarem superiores aos seus rivaes.

O seu aspecto é muito mais franzino do que o da original Torre do Campo de Marte, na Exposição Universal de Paris, a qual sendo de configuração mais robusta não causa receio pela sua solidez, emquanto que a sua competidora, com feitiço menos pesado, não satisfaz o espirito, causando receio que po-sa quebrar pela terça parte.

A sua execução é esmerada e talvez superior da da França; todavia pensando-se no movimento constante dos elevadores, nos quatro salões chejos de gente, posto que se tenha attendido a todas estas essenciaes circumstancias, repetimos, que á vista essa impressão de receio assalta o pensamento.

Com a atmosfera de Londres, muito pouco ou nada se disfrutará de sua extremidade superior; só se avistará muito fumo das chaminés, que ainda mais occultará a vista da cidade e não havendo os varios attractivos da Exposição Universal de Paris, limitadissimo será o numero de estrangeiros que subirão para gosar o que não podem ver; porém lá está o patriotismo britannico para que toda a população da capital a visite, dando resultados mais vantajosos do que se obtiveram com a Torre Eiffel; portanto ficará provado, por esta fórma, que o seu *Belveder* é muito superior ao que existe em Paris, e é quanto basta para lisongear o orgulho nacional.

Em Ravenna (Italia) foi descoberto um sepulchro na antiga *Cesarea*, sendo notavel porque o esqueleto não está encerrado dentro de uma verdadeira amphora composta de duas metades como se tem encontrado; mas esta agora descoberta foi a metade inferior de proposito feita imitando o resto da amphora, tendo um encaixe ao meio d'ella para ficarem unidas as duas metades; aos pés do esqueleto havia uma pequena amphora para vinho. No mesmo sepulchro havia outras amphoras collocadas em pé, enterradas em areia, emquanto que esta de que damos noticia está em linha horizontal.

Suppõe-se ser da época do primeiro seculo do imperio. A conservação do corpo inteiro do defunto deve-se suppor ser do tempo em que se introduziu a religião asiatica na Italia.

Uma Estatua de Christovão Colombo, com altura de cem pés, será offerecida em 1892, á cidade de New-York, pela colonia italiana dos Estados-Unidos.

Nas escavações feitas proximo do cemiterio de S. Valentim (Roma) ao principio da via Flaminia fez-se o descobrimento da basilica construida em memoria d'aquelle martyr, no fim do seculo IV, e do Papa Julio I, achando-se inscrições christãs pertencentes ao cemiterio que se formou nos seculos IV e V, em volta d'aquella basilica.

Foi apresentado á Sociedade de archeologia chistã de Roma, um singular annel de ouro ornado com muitas figuras em esmalte. No escudo d'este annel ha duas figuras e no meio uma outra que parece estar coroada. Em roda vê-se a palavra do psalmo CV, que allude á coroação nupcial usada no rito da egreja grega. A figura central representa o Redemptor que corôa dois esposos; e as palavras podem referir-se a uma Eudoxia. No aro d'este annel são representados factos da historia de Jesus Christo.

Este precioso annel foi achado em Syracusa entre ricos moveis que se suppõe pertencerem ao thesouro do imperador Constancio II, o qual transferiu a sede do imperio para Syracusa e ahi foi assassinado no anno 668.

A arte e a paleographia designam aquella data ao singularissimo annel, sendo provavel que servisse no casamento de Eudoxia, avó de Constancio II.

Na continuação das escavações na casa de S. Joaquim e Paulo, em Roma, ns monte Celio, fez-se uma descoberta de uma pintura que pelo seu estylo é do X seculo, representando o Redemptor entre dois anjos e dois santos, um dos quaes conserva o nome de PAVLUS, vestido no costume da corte bysantina. Lê-se na epigrapha do livro que o Redemptor tem na mão: *Lux ego sum mundi qui cuncta creavi*.

Foi achado tambem um fragmento de amphora, na qual está pintado a letras encarnadas a cifra numeral relativa á quantidade e qualidade dos vinhos, e pela mesma mão foi escripto, igualmente em encarnado o monogramma do nome do Christo entre duas letras symbolicas *alpha* e *omega*. Comparando-se a outra amphora tambem com cifras gregas e desenho christão de uso especial da Syria, conhece-se que aquella amphora devia ser proveniente da Asia. O monogramma assim como toda a epigrapha indica ter sido pintado na localidade d'onde veio e não em Roma. Talvez que os nobres habitantes d'aquella casa christã possuissem propriedades no oriente, e se houvessem provido do excellente vinho do Chypre.

N'outro fragmento de amphora tendo a era do seculo sobre gesso no lugar em que o gargallo está rolhado, lê-se SEX AVIDI DAYCAEI, em torno e no meio de duas linhas rectas EX VTRE. De cognome *Dancaeus*, talvez não se conheça outro exemplo que um *Dincaeus* na Lusitania. Extraordinaria foi a importação do vinho de Hespanha para Roma. De Hespanha certamente veio a amphora rolhada com o referido nome em cujo gargallo se conservava na adega da antiga casa, agora felizmente descoberta.